

PANORAMA DOS TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS E TECIDOS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DA ÚLTIMA DÉCADA

FLORÃO, S. H.¹; ACRANI, O. G.²

Introdução: O Rio Grande do Sul (RS) é um dos estados brasileiros com os melhores índices na área de doação e transplantes de órgãos. Ao longo da última década, foram observadas variações importantes no panorama e nas tendências de doação de órgãos. Apesar de contar com índices em ascensão, o RS tem potencial para atingir valores mais satisfatórios e abarcar melhor as necessidades populacionais. **Objetivos:** Descrever o panorama da doação e transplantes de órgãos e tecidos no RS na década 2015 – 2024. **Metodologia:** Estudo ecológico, utilizando dados secundários disponibilizados no Registro Brasileiro de Transplantes (RBT), coletados através da plataforma da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO), no período compreendido entre os anos de 2015 a 2024. Foram avaliadas as variáveis de doadores em potencial, doadores efetivos, transplantes efetivos, motivos de não-doença em notificações de morte encefálica, número de indivíduos em lista de espera e taxa de doadores PMP (por milhão de população). **Resultados:** Foi observada uma estabilidade dos índices de doação no período de 2015 a 2019, com média de 1.443 transplantes/ano e taxa de doadores efetivos de 25,18 PMP. Em 2020 e 2021, observou-se importante baixa na taxa de transplantes do estado, possivelmente em função da pandemia de Covid-19. Neste biênio, houveram 1.625 transplantes e a taxa de doadores efetivos foi reduzida para 17,47 PMP. De 2022 a 2024, percebe-se importante melhora dos índices de transplantes, em comparação aos períodos anteriores. O ano de 2023 foi o com o maior número de doadores já registrado no RS, com 311 efetivos dos 838 registrados como doadores em potencial, tendo uma taxa de doadores efetivos de 27,71 PMP. O ano de 2024 também se destaca, sendo o ano com maior índice de transplantes na história do estado, com 1.636 procedimentos realizados entre 2.427 inscritos em lista de espera. Durante o período analisado, o maior motivo de não-efetivação de doação em notificações de morte encefálica foi a recusa familiar, com exceção do ano de 2021, em que a contra-indicação médica teve maior prevalência. O índice de recusa familiar é a principal barreira para o aumento das taxas efetivas de doação desde o início das atividades de transplantes no Brasil. Uma das principais causas da negativa é o desconhecimento familiar sobre a vontade do indivíduo. **Conclusões:** O RS vem apresentando cenários positivos no panorama da doação de órgãos, especialmente no período pós-pandemia, estabelecendo recordes anuais. No entanto, ainda há uma disparidade entre a demanda e a disponibilidade de órgãos. Há uma significativa diferença entre doadores em potencial e doadores efetivos, além de a taxa de doadores por milhão de população não ter atingido, em nenhum momento, o índice ideal para o cenário brasileiro (30 doadores PMP). Estratégias como estimular o diálogo sobre a doação de órgãos em ambiente familiar e incentivar o registro da vontade da doação em documentos como o RG são medidas acessíveis para contribuir na melhora dos índices de doação e transplantes no RS.

Palavras-chave: Obtenção de órgãos e tecidos; Transplante de órgãos; Morte encefálica.

¹Helena da Silva Florão, discente, curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul - campus Passo Fundo e helena.florao@estudante.uffs.edu.br

²Gustavo Olszanski Acrani, docente, curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul - campus Passo Fundo e gustavo.acrani@uffs.edu.br